

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

JULIANA OGAWA NAVES PIMENTA

REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA DA MULHER ATRAVÉS DO RETRATO

UBERLÂNDIA

2017

JULIANA OGAWA NAVES PIMENTA

REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA DA MULHER ATRAVÉS DO RETRATO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade de Artes Visuais
da Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura e Bacharelado em
Artes Visuais.

Orientadora: Doutora, Ana Helena da Silva Delfino Duarte

UBERLÂNDIA

2017

JULIANA OGAWA NAVES PIMENTA

REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA DA MULHER ATRAVÉS DO RETRATO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade de Artes Visuais
da Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura e Bacharelado em
Artes Visuais.

Uberlândia, 18 de dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ana Helena Duarte – FAFCS/UFU (Orientadora)

Prof. Dr. Rodrigo Freitas Rodrigues – IARTE/UFU

Prof. Esp. Alexandre França – Studio Casa de Ideias

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é voltado para a área de produção contendo 8 pinturas em técnica à óleo com medidas 50cm x 40cm, que retratam mulheres e suas respectivas culturas, mais uma pesquisa sobre retrato, sobre as regiões abordadas nas pinturas (Japão, Tailândia, Floresta Amazônica, Angola, Escócia, Afeganistão e Estados Unidos da América) e um espelho. Também descrevo a trajetória dos meus estudos de retrato, minhas primeiras experimentações até o presente momento.

Na pesquisa encontra-se uma investigação sobre a mulher e suas respectivas culturas, vestimentas, adornos e seus traços. Através de análise de imagens foi traçado uma visão de cada cultura que será retratada neste trabalho, representando uma das variadas visões que existem de cada região. As personagens tem como objetivo demonstrar a influência da cultura na diversidade, vestimenta, no comportamento e identidade de mulheres ao redor do mundo. O observador analisará cada mulher representada, para assim refletir sobre sua realidade e história, também vai se deparar com um espelho que vai introduzi-lo no trabalho, ao ver seu reflexo verá que está incluído em uma sociedade e cultura.

Optei por trabalhar com a figura da mulher, pois tenho facilidade em reconhecer e representar traços e expressões femininas e por acreditar que a figura feminina com suas vestimentas, adornos e expressões é um forte representante das características culturais do seu meio.

Essa pesquisa está dividida em três capítulos: O primeiro capítulo “Representações pictóricas: Retratos e autorretratos”, O segundo capítulo “Identidade cultural: Vestimenta e adorno” e o terceiro capítulo “A série Mulheres e suas nuances”.

Palavras-chave: Mulher. Cultura. Retrato. Pintura.

ABSTRACT

This course is focused on the production area containing 8 oil paintings measuring 50cm x 40cm, which depict women and their respective cultures, plus a portrait search of the regions covered in the paintings (Japan, Thailand , Amazon Forest, Angola, Scotland, Afghanistan and the United States of America) and a mirror. I also describe the trajectory of my portrait studies, my first experiments to date.

In the research is an investigation on the woman and their respective cultures, clothes, adornments and their traces. Through an analysis of images, a vision of each culture that will be portrayed in this work was drawn, representing one of the varied visions that exist in each region. The characters aim to demonstrate the influence of culture on the diversity, dress, behavior and identity of women around the world. The observer will analyze each woman represented, so to reflect on their reality and history, will also come across a mirror that will introduce you to work, to see your reflection will see that it is included in a society and culture.

I chose to work with the figure of the woman because I have an easy time recognizing and representing feminine traits and expressions and believing that the female figure with her dress, adornments and expressions is a strong representative of the cultural characteristics of her environment.

This research is divided into three chapters: The first chapter "Pictorial Representations: Portraits and Self-portraits", The second chapter "Cultural Identity: Dress and adornment" and the third chapter "Women and their nuances".

Keywords: Woman. Culture. Portrait. Painting.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Retrato de Michelle, 2014. Lápis de cor em papel sulfite.....	2
Figura 2 - Retrato de Waldo, 2017. Grafite em papel.....	2
Figura 3 - Sem Título, 2017. Grafite sobre papel.	2
Figura 4 - Frida Kahlo. Autorretrato com Chango, 1945.....	17
Figura 5 - Frida Kahlo. Autorretrato, 1938. Óleo sobre Tela.	17
Figura 6 - Frida Kahlo. Autorretrato com Colar, 1993.....	18
Figura 7 - Frida Kahlo. Autorretrato dedicado ao Dr. Eloese, 1940.	19
Figura 8 - Frida Kahlo. Autorretrato com Macaco, 1940.....	21
Figura 9 - Fotografia da Artista Frida Kahlo.....	22
Figura 10 - Sem título, 2017. Óleo sobre tela.....	24
Figura 11 - Foto referência.....	24
Figura 12 - Foto referência.....	33
Figura 13 - Sem título, 2017. Óleo sobre tela.....	34
Figura 14 - Foto referência.....	34
Figura 15 - Foto referência.....	36
Figura 16 - Foto referência.....	37
Figura 17 - Foto referência.....	37
Figura 18 - Foto referência.....	39
Figura 19 - Sem título, 2017. Óleo sobre tela.....	40
Figura 20 - Foto referência.....	40
Figura 21 - Foto referência.....	41
Figura 22 - Sem título, 2017. Óleo sobre tela.....	42
Figura 23 - Foto referência.....	43
Figura 24 - Sem título, 2017. Óleo sobre tela.....	43
Figura 25 - Foto referência.....	45
Figura 26 - Sem título, 2017. Óleo sobre tela.....	45
Figura 27 - Foto referência.....	47
Figura 28 - Foto referência.....	47
Figura 29 - Sem título, 2017. Óleo sobre tela.....	49
Figura 30 - Foto referência.....	49
Figura 31 - Sem título, 2017. Óleo sobre tela.....	50
Figura 32 - Foto referência.....	51
Figura 33 - Sem título, 2017. Óleo sobre tela.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – REPRESENTAÇÕES PICTÓRICAS: RETRATOS E AUTORRETRATOS ...	11
1.1 – Algumas pontuações sobre o retrato e autorretrato nas Artes Visuais.	11
1.2 – Minhas experimentações com a temática: Retratos e autorretratos.	13
1.3 – Frida Kahlo: Autorretratos e as suas vestimentas e alegorias.	18
1.3.1 – Um escape de suas Dores.	18
1.3.2 – Breve análise das vestimentas e alegorias nas obras de Frida Kahlo.	21
CAPÍTULO II – IDENTIDADE CULTURAL: VESTIMENTA E ADORNO.....	25
2.1 – Algumas pontuações sobre a história da vestimenta e adornos.	25
2.2 – Cultura e identidade	26
2.3 – Vestimentas e adornos: Função cultural.	27
2.4 – Algumas pontuações sobre a história da vestimenta e adorno.....	29
CAPÍTULO III – A SÉRIE “MULHERES E SUAS NUANÇAS”	31
3.1 – sobre as escolhas das mulheres e suas respectivas iconografias culturais.....	31
3.2 – Iconografias das mulheres no contexto geográfico: aspectos culturais simbólicos. .	31
3.2.1 – Japão: o mistério de uma gueixa.	32
3.2.2 – Índia: Mulheres e suas joias.	35
3.2.3 – Tailândia: “Mulheres girafas”.	38
3.3.4 – Angola: A doce liberdade.	41
3.3.5 – Floresta Amazônica: Tribo Tikuna.	44
3.3.6 – Estados Unidos da América: Liberdade de expressão.....	46
3.3.7 – Escócia: O clã e o tartan.	48
3.3.8 – Afeganistão: A cadeia de tecido.	50
3.3.9 – O espelho: um retrato efêmero.....	53
Conclusão	54
Referências.....	56

INTRODUÇÃO

Este trabalho situado na área das artes Visuais para conclusão de curso (TCC) aborda o Tema “Pintura: Mulheres e suas nuances”. Por meio de pesquisas de imagens e referencial teórico, o trabalho analisa as vestimentas e adornos como representantes de um indivíduo e sua cultura, aborda também o retrato como recorte que revela traços da personalidade.

Será apresentado um conjunto seriado de oito pinturas no formato retrato com medidas 50cm x 40cm e técnica à óleo, sobre mulheres nas regiões: Japão, Tailândia, Floresta Amazônica, Angola, Escócia, Afeganistão e Estados Unidos da América, e ao centro das telas terá um espelho afim de acrescentar o espectador no trabalho. As oito pinturas serão montadas horizontalmente uma ao lado da outra.

Essa pesquisa investiga a mulher em suas respectivas culturas, seus traços, vestimentas e adornos, assim como seus símbolos e signos culturais. As imagens retratadas representam uma determinada visão de cada cultura baseada em pesquisas de imagens e referências teóricas, então a forma com que cada cultura foi retratada no trabalho não representa a generalidade de cada região, mas sim uma das várias visões que existe dentro das culturas.

As personagens apresentadas neste trabalho foram criadas com base em imagens de mulheres das regiões supracitadas, objetivando demonstrar como a cultura influencia na diversidade, vestimenta, no comportamento e identidade de mulheres ao redor do mundo. O observador poderá analisar e compreender cada mulher representada; refletir sobre sua história e realidade, e ao se deparar com o espelho que será colocado entre as obras, verá seu rosto refletido e assim terá a sensação de fazer parte da composição, mostrando para quem estiver observando que também está inserido em uma cultura.

A opção em trabalhar a figura da mulher nas culturas se deve em primeiro lugar por minha afinidade e prestígio pela imagem da mulher e devido a minha facilidade em reconhecer, reproduzir traços e expressões femininas. O segundo motivo é por acreditar que as mulheres em suas culturas, em geral, advém da riqueza de detalhes nas vestimentas e adornos que expressam com maior ênfase as características culturais de seu meio.

A escolha de pintar as mulheres no recorte de retrato se deve por acreditar que esse formato transmite a essência do retratado. Com base nesse modelo representativo, busco exemplificar a diversidade de traços e feições das mulheres retratadas, como a diversidade de vestimentas e alegorias.

Nota-se que pode identificar a cultura na qual a mulher está inserida e até mesmo a época da história através das vestimentas e adornos que elas usam, que reforçam sua personalidade e as identifica. Além de ser um elemento de proteção e abrigo, a vestimenta é capaz de determinar região, grupo social e gênero, formando também a identidade pessoal, individual e social, portanto também possibilitam uma inserção social e se tornam um meio de comunicação entre as pessoas.

Essa pesquisa está dividida em três capítulos, segue abaixo o resumo de cada um deles:

No primeiro capítulo “Representações pictóricas: retratos e autorretratos” aborda reflexões como a importância do retrato na história, seus desdobramentos e a forma que ela é representada. Expõe um breve contexto histórico, fala sobre a importância dos retratos e autorretratos para a sociedade e a necessidade do ser humano em tentar tornar sua imagem eterna, pois ao retratar imagens em tela, a mesma sobrevive por anos, décadas e até séculos. Conta sobre as transformações e significados que o retrato e autorretrato vão passando pelos anos.

Também aborda minha trajetória com estudos na área de retrato, como meus processos e motivações na área, até o momento em que inicio este trabalho. Por último, finalizo este capítulo com uma breve análise da artista Frida Kahlo, com relação a sua escolha e motivação em trabalhar com o autorretrato e a forma em que ela usa a vestimenta e alegoria em seus trabalhos, e como ela se auto representava em suas pinturas.

O segundo capítulo “Identidade cultural: Vestimenta e adorno” exemplifica uma breve definição de cultura e como esta é ligada aos comportamentos sociais e suas tradições. Neste capítulo também apresenta o desenvolvimento da vestimenta e adorno ao longo da história, que vai desde a antiguidade no qual as roupas eram usadas como meio de proteção unicamente, à Idade Média que passou a ser uma forma de distinguir classes até o tempos modernos como maneira de expressão social e sua importância na sociedade como meio de diálogo e identidade. Ressalta a vestimenta e adorno como símbolos sociais, culturais e sua capacidade de construir

uma identidade regional e pessoal, e como estes possuem uma função cultural que se transforma de acordo com as necessidades de uma sociedade.

No terceiro capítulo “A série Mulheres e suas nuances” falo sobre meu trabalho e processo criativo. Em cada mulher pintada revelo breves informações sobre sua região e cultura, faço uma amostra de imagens usadas como referência e coloco informações como: sobre as escolhas das mulheres e suas iconografias culturais, países de origens e informações sobre eles. São oito retratos criados por mim, de várias localidades do mundo, mostrando os traços culturais, vestimentas, adornos e características próprias que as definem.

CAPÍTULO I – REPRESENTAÇÕES PICTÓRICAS: RETRATOS E AUTORRETRATOS

1.1 – ALGUMAS PONTUAÇÕES SOBRE O RETRATO E AUTORRETRATO NAS ARTES VISUAIS.

O retrato se tornou importante tanto na história da sociedade quanto na história da arte devido necessidade dos humanos de preservar e tentar tornar sua imagem eterna.

Os reis e o clero encomendavam seus retratos para serem repassados para os seus descendentes. Além de manterem seus nomes, conservavam sua imagem viva na lembrança do reino e seus familiares.

Com o passar do tempo o retrato foi ganhando popularidade, chegando à elite que contratava pintores consagrados afim de ter seus retratos em suas paredes. As academias de artes adotaram o retrato como técnica de estudo, na qual os alunos passariam a produzir retratos, aprendendo técnicas pictóricas, uso de cores, composição e figura humana. Muitas vezes os modelos eram usados para representar algum personagem religioso ou histórico.¹

O retrato passa por diversas transformações, sua definição e significado dependem da época e dos movimentos artísticos. O reconhecimento do retrato surge no Renascimento, quando a imagem do homem é enaltecida e nasce a necessidade de enfatizar a grandeza do homem no formato que valorize apenas ele.

A forma de retratar e seus objetivos vão se alterando ao decorrer do tempo como exemplo dessas mudanças ao longo da história, por exemplo os retratos no Cubismo se deformavam, fundindo com os demais elementos compositivos; no Construtivismo e Futurismo o retrato se torna sequencial e não poderia se construir por uma única imagem para revelar a multiplicidade do ser; o Surrealismo é marcado pelos recursos simbólicos e retóricos; a subjetividade na produção da Vanguarda relaciona o criador com a criatura (ARAUJO, 2003).

Nos dias atuais o retrato não é apenas uma mera representação de alguém, mas sim uma forma que o artista usa para expressar e passar uma mensagem, como

¹ ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural.

críticas sociais e assuntos que ele acha importante. Temos vários estilos de pintura, por exemplo os realistas que o objetivo é a busca da perfeição na reprodução da imagem, tentam chegar ao mais real possível, já os surrealistas por outro lado não se preocupam com reproduzir o real, mas retorcem e deformam a imagem para transmitir a ideia desejada.

Para esse projeto, o retrato visará ressaltar as personagens criadas, suas vestimentas e adornos. O foco está na observação das personagens e seus aditivos que as caracterizam. Esse recorte na pintura permite a visualização dos traços característicos das diversas mulheres, enaltecendo a retratada, por não conter outros atributos que chamem mais atenção que ela, sendo os demais objetos compositivos complementos que dialogam com a mulher e sua origem, como lugares ou situações que identificam as regiões representadas.

Essa busca por diferentes estilos artísticos foi feita com o intuito de conhecer as formas de retrato ao longo da história, como meio de apoio e estudo técnico.

Feitas essas colocações sobre o retrato, passo agora para algumas breves reflexões sobre o autorretrato, usado pelos artistas como estudo e produção quando não havia um modelo, ou como método de autoconhecimento ou autoafirmação. Alguns artistas também o utilizavam como intervalo de produção. Nesse meio tempo eles trabalhavam com seus autorretratos, para que assim pudessem apurar suas técnicas e ao se autorretratar não precisavam pagar ninguém, como também não dependiam da disponibilidade de modelos.

Para finalizar esse item saliento que ao revistar-se os estudos sobre o retrato e autorretrato ao longo da sintonia da arte pude perceber que no autorretrato o artista se reproduz, coloca-se inteiro no trabalho e símbolos que o remete, muitos artistas quando trabalham esse tipo de pintura contam sua história, sentimentos e dores, vemos isso em trabalho como o da Frida kahlo, Rembrandt, entretanto no retrato é a visão de quem retrata sobre a outra pessoa que está sendo retratada, mas mesmo retratando o outro é a concepção do artista e expressões que estão sendo representadas, todo retrato pintado com sentimento é um retrato do artista, e não do modelo.

1.2 – MINHAS EXPERIMENTAÇÕES COM A TEMÁTICA: RETRATOS E AUTORRETRATOS.

Acredito que para todo retrato/autorretrato exista uma motivação além da reprodução de um personagem. Comecei a produzir retratos/autorretratos por me identificar com os rostos produzidos.

Minha trajetória antes de entrar na Universidade Federal de Uberlândia no Curso de Artes Visuais:

Os primeiros trabalhos que me dediquei de forma especial foram realizados em desenho. Desenhei pessoas em que admirava, começando por minha família. Quando eu os produzia, observava os modelos, como seu comportamento, atitude, traços e tentava expressar no papel características marcantes que os fizessem serem reconhecidos.

Ficava curiosa para saber o que o retratado estaria pensando no momento em que sua imagem seria reproduzida por mim, e naquele papel estaria minha interpretação. Meus desenhos seriam como textos descrevendo o que eu conhecia sobre o retratado e o que eu sentia por ele. Minha linguagem através da escrita nunca foi clara para expressar as ideias. Talvez isso ajudou na desenvoltura em reproduzir os traços de um personagem para conseguir manifestar sobre sua personalidade. Não digo que consigo esse objetivo, mas a cada produção a minha intenção é de ter algo além de uma aparência.

Com o tempo fui trabalhando na melhoria de técnicas e passei a observar as cores presentes na imagem. Meus retratos foram se baseando em fotos dos personagens. Em cada desenho busquei a semelhança com a imagem original.

Figura 1



*Retrato de Michelle, 2014. Lápis de cor em papel sulfite.
Fonte: Acervo da Artista.*

A imagem acima, mostra o retrato que produzi da minha prima, foi um presente quando ela iria se formar como psicóloga. Apresento esta imagem como exemplo de minhas produções. (figura, 1)

Quanto me ingressei nessa Universidade, comecei a ter os primeiros contatos com diversas formas de linguagem além do desenho que eu já produzia, esses novos meios foram importantes para me descobrir em outras áreas. Passei a trabalhar com outras técnicas e parei de produzir meus desenhos. Por um tempo senti que eles não eram mais necessários, e desenhar havia saído de minha rotina. As produções que havia feito nas matérias de desenho não eram mais o que eu construía antes, pois foram criados para finalidades pedidas dentro da universidade.

O meu primeiro contato com a tinta que não fosse em trabalhos escolares, foi na disciplina de Composição e Cor. Tive a oportunidade de trabalhar com diversos materiais: guache, papel Kraft, tinta acrílica, tecido, tempera. Em cada material foi observado a forma em que a tinta se formava em sua base e a técnica a ser trabalhada.

Na disciplina de Pintura, realizei meu primeiro autorretrato com tinta acrílica. O objetivo desse trabalho era transmitir ideias que me representasse. Procurei ao máximo me colocar naquela composição, tive muita dificuldade ao realiza-la. O resultado agradou a todos, mas não a mim, não consegui me identificar diante a meu trabalho como também não obtive o resultado visual que desejava.

O que me levou a voltar aos desenhos foi a necessidade de expor ao mundo meus sentimentos e ao mesmo tempo queria me esconder dele, me isolando dos que me rodeavam. Voltei aos retratos, porém eles já não eram mais os mesmos, meus traços haviam mudado, ficando mais soltos. Durante este processo descobri que estava envolvida com a pintura. Pintar passou a ser uma atividade que me agradava, estudar o envolvimento da tinta na tela e seu tratamento pictórico, enfim o universo da pintura foi uma grande descoberta, com isso desejava me desligar do mundo e me distrair dos problemas que me rodeavam.

Figura 2

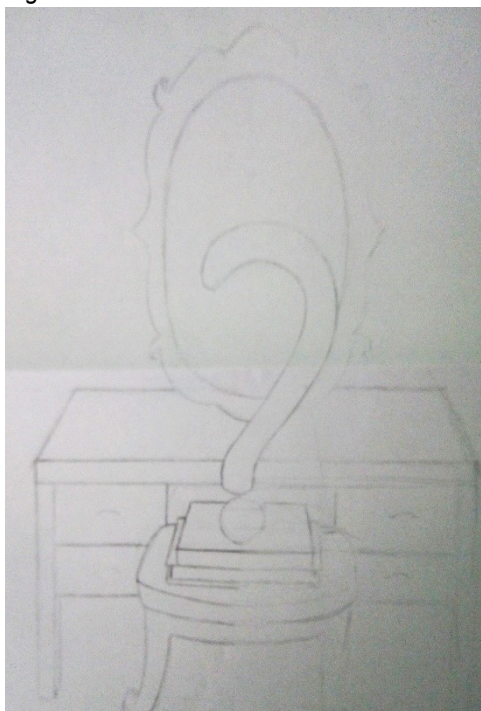


Retrato de Waldo, 2017. Grafite em papel. Fonte: Acervo da Artista.

No desenho acima (figura, 2), é um exemplo dos resultados obtidos nos estudos atuais de retrato, observa-se o traçado e a linha mais soltos, as formas mais orgânicas na composição e imagem mais abstrata.

No semestre em que concretizo neste projeto, também estou cursando a matéria de Ateliê de Desenho. Na primeira aula, o professor pede aos alunos que façam um desenho que os identifique. Comecei a traçar, e confesso que a imagem a seguir foi o melhor autorretrato em que produzi.

Figura 3



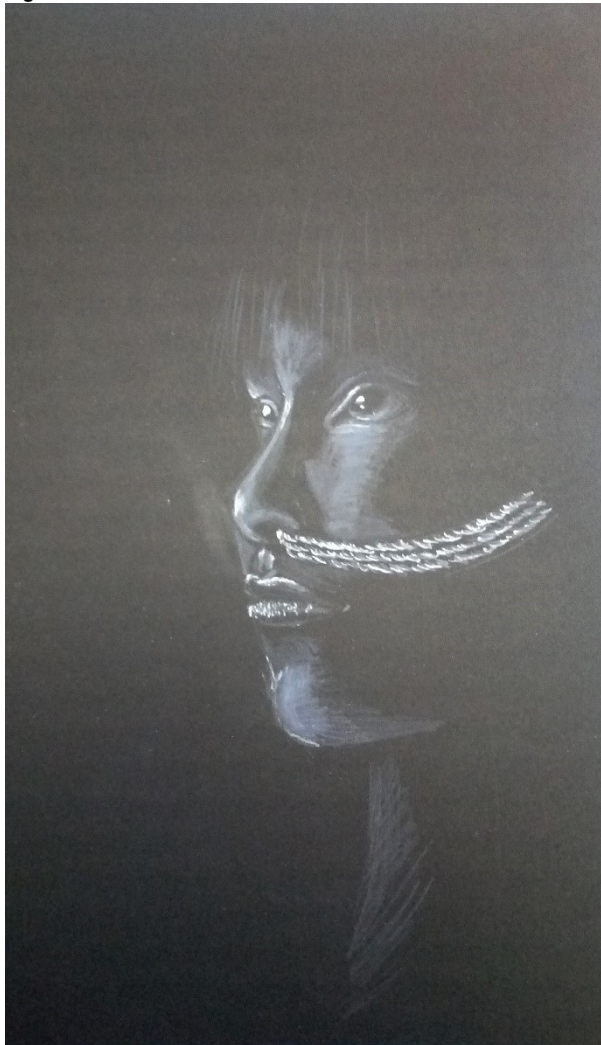
Sem Título, 2017. Grafite sobre papel. Fonte: Acervo da Artista.

O desenho (figura, 3) mostra um ponto de interrogação buscando se encontrar no espelho, mas este é incapaz de ver nem sequer uma sombra. Por mais que não haja uma imagem minha na produção ou algo que lembre minha personalidade, considero como autorretrato por representar a situação em que me presencio atualmente.

Para o projeto de Ateliê em desenho resolvi juntar o conteúdo estudado em TCC1 apresentando como trabalho estudos de mulheres nas diferentes culturas, no qual analiso traços, adornos e vestimentas, explorando diversas técnicas e materiais.

Segue alguns estudos produzidos no Ateliê de Desenho:

Figura 4



Estudos de Mulheres, 2017. Diversos materiais. Fonte: Acervo da Artista.

Figura 5



Estudos sobre Mulheres, 2017. Grafite sobre papel. Fonte: Acervo da Artista.

Concluo que meu processo de retratação se baseia na faze na qual eu estou passando no momento que faço a pintura, como os acontecimentos e sentimentos da minha vida influenciam no meu trabalho.

1.3 – FRIDA KAHLO: AUTORRETRATOS E AS SUAS VESTIMENTAS E ALEGORIAS.

1.3.1 – Um escape de suas Dores.

Neste subcapítulo mostrará os motivos que levou a artista Frida kahlo ^{2a} se aprofundar na área do autorretrato, é apresentado uma breve biografia da artista para a compreensão da sua produção artística. As figuras 6 e 7 são pinturas da artista

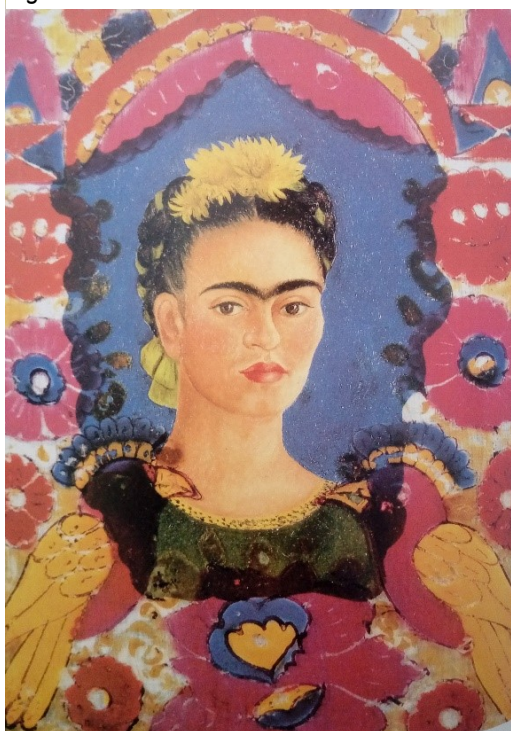
Figura 6



Frida Kahlo. Autorretrato com Chango, 1945. Óleo sobre Tela. Fonte: Kahlo de Andrea Ketternmann

² Frida Kahlo 1907 – 1954. Pintora mexicana retratista/auto retratista surrealista.

Figura 7



Frida Kahlo. Autorretrato, 1938. Óleo sobre Tela. Fonte: Kahlo de Andrea Kettenmann.

“Não estou doente. Estou partida” (KAHLO, apud Orsini, et al, 2008).

Frida Kahlo foi a mulher que revolucionou a arte mexicana como também influenciou a arte no mundo. Segue abaixo uma afirmação de Souza sobre o autorretrato da Artista.

“Frida chocava e era considerada excessivamente autorreferente, tornando a expressão das emoções mais particular do que próprias da humanidade inteira que por ventura pudesse se ver ali refletida. Uma diferença ainda entre os autorretratos e o diário é o imediatismo das sensações transcritas e registradas no diário em contraste com a vagareza e lentidão com que Frida construía os autorretratos.” (SOUZA, 2011. Pg. 37).

Produzir autorretrato sempre levanta questões aos críticos e aos espectadores, do motivo e do significado do artista em fazer uma auto representação. Lucia Vianna (2003) acredita que Frida Kahlo parecia gostar de produzir autorretrato por gostar da exposição pública, e gostava de seu rosto ser admirado em suas obras. Entretanto, esta teoria segundo o próprio relato da pintora apresentado no artigo de Orsini, et al (2008), não se encaixa adequadamente já que Kahlo afirma fazer o autorretrato apenas por ser um assunto que ela conhece bem.

“Pinto-me porque estou muitas vezes sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor” (KAHLO, apud, Orsini, et al 2008).

A pintora dedicou-se na produção relacionada à vida amorosa e aos sofrimentos, retratou em seus trabalhos seus amores, dores e desafios. Seus autorretratos são um diário que mostra seus sentimentos através da pintura. Dentro desse contexto afirma:

“O ser humano padece no corpo as feridas de um sofrimento existencial. Ao mesmo tempo, sofre na existência as vicissitudes próprias do fato de ter um corpo: a enfermidade, o acidente, a decadência” (KAHLO, apud Orsini, et al 2008).

Kahlo ganhou reconhecimento nacional e internacional pela energia de suas pinturas, com suas fragilidades e sofrimentos físicos, escreveu um diário íntimo (O Diário Íntimo de Frida Kahlo), era uma atividade que ocupava seus dias vividos em um quarto hospitalar (ORSINI, et al, 2008).

Em seus desenhos e relatos está sempre presente a sua dor e seu corpo fragilizado, sua sensibilidade artística e intelectual veio de suas dores: lesões, amputação e doença e em seguida o preconceito da sociedade. (ORSINI, et al, 2008),

A criatividade surgia pela necessidade de suportar o insuportável. Para aguentar suas dores, solidão e sofrimento, Frida Kahlo usa como armadura a pintura, que de certa forma se protegia da angústia. Como uma reconstrução interna, tenta se recompor da sua própria imagem em seus trabalhos. Algumas questões de feminilidade são levantados em suas produções, abordando alguns assuntos que a artistas vivenciou (ORSINI, et al, 2008)

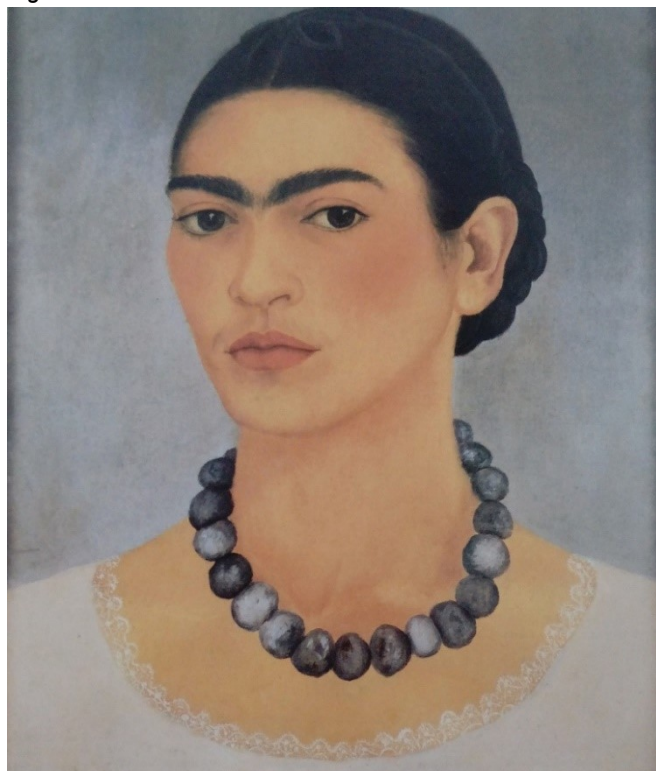
Poucos artistas foram capazes de se traduzirem em suas obras como Kahlo fez. Talvez para se encontrar ela tenha buscado a arte, fazendo-a para seu conforto. Buscou forças para evoluir e se auto afirmar. Poucos tem essa noção de si próprio como Frida apresenta ter em suas pinturas (ORSINI, et al, 2008).

Finalizo fazendo uma reflexão, ao analisar a artista Frida, percebi que em momentos de grande dor e sofrimento ela se voltava para seu trabalho como uma forma de apoio e assim tento basear minha arte também, quando encontro momentos de dificuldade e aflição me volto para arte para me dar sustentação.

1.3.2 – Breve análise das vestimentas e alegorias nas obras de Frida Kahlo.

As alegorias e vestimentas sempre tiveram um destaque em seus autorretratos. Frida parecia gostar de andar caracterizada e seus autorretratos a mostrava da forma que ela gostava de se vestir.

Figura 8



*Frida Kahlo. Autorretrato com Colar, 1993. Óleo sobre Tela.
Fonte: Ideias diferentes - Pinterest*

Nesse autorretrato (figura, 8) Frida Kahlo usa seu colar de pedras de jade pré-colombiana. Após passar pelo sofrimento ao aborto, Frida aparece confiante e renovada, retomando sua vida.

As alegorias parecem retratar momentos e sentimentos que a artista passa, eles fazem parte da narrativa de suas histórias, acredito que as vestimentas incorporam ideias de sua linguagem, como também a compõe em seu dia a dia. A artista só se tornaria Frida Kahlo quando está vestida a seu caractere, as suas roupas já fazem parte dela se tornando um forte ponto de referência a ela e à sua personalidade. Essa caracterização se tornou muito típica de Frida e hoje é denominado como um dos seus marcos.

Figura 9



Frida Kahlo. Autorretrato dedicado ao Dr. Eloese, 1940, Óleo sobre tela. Fonte: Kahlo de Andrea Kettemann.

Apresento abaixo uma legenda escrito pela artista em seu Autorretrato (figura, 9):

“Pintei o meu retrato no ano de 1940 para o Doutor Leo Eloesser, meu médico e meu melhor amigo. Com todo o amor. Frida Kahlo”.

Ao analisar esta obra percebe-se que Frida possui cuidado pictórico e compositivo ao se retratar. Ela se mostra com rosto rosado e lábios vermelhos, ressaltando sua beleza. Para o penteado, Kahlo o decora com diversas flores vermelhas e amarelas. Ela usa um brinco com formato de uma mão branca, e um colar de feras causando ferimentos em sua pele. Ao mesmo tempo que ela passa beleza e serenidade na composição para oferecer ao seu médico amigo, ela mostra seu sofrimento, talvez como um pedido de ajuda. A artista estaria machucada e queira algum amigo para ajudá-la.

Uma outra análise que pode ser feita, é que os espinhos seriam apenas lembranças das dores que ela sentia e que o Dr. Eloesser ajudou a curar. Frida então

estaria mais aliada pela sua dor e, no meio das folhas e flores no fundo, com sua cabeça decorada com flores, começaria surgir a esperança, isso graças ao seu amigo doutor. O colar de ferpas seria apenas as cicatrizes de suas dores antigas, que antes eram monstruosas e agora passou a ser um colar de espinho que a machuca, mas ela ainda se mantém firme.

Na principal biografia de Kahlo, escrita por Hayden Herrera, a aparência exótica da pintora, com seus adereços e vestimentas típicas de comunidades mexicanas, foi descrita como uma estratégia para tirar o foco de suas cicatrizes e deformidades físicas nas pernas e pés. Segundo Herrera sobre os autorretratos de Frida Kahlo:

"Assim como os auto-retratos confirmavam sua existência, as roupas faziam com que a mulher frágil, quase sempre presa à cama, se sentisse mais magnética, mais visível e mais enfaticamente presente como objeto físico no espaço. Paradoxalmente, eram uma máscara e uma moldura. Uma vez que definiam a identidade de quem as usava em termos de aparência, as roupas distraiam Frida — e o observador — da dor interior" (HERRERA, 1983. *pg.* 89).

Assim como Herrera, acredito que a pintura de Frida Kahlo e a forma que ela se retratava lhe proporcionava conforto dentro da situação que ele vivia. Revelar sua identidade nas pinturas fazia com que ela se distraísse ao mesmo tempo que desabafava seus sofrimentos, trazendo suas vestimentas e alegorias para proporcionar a ela mesma uma maior visibilidade, conversando com seus sentimentos.

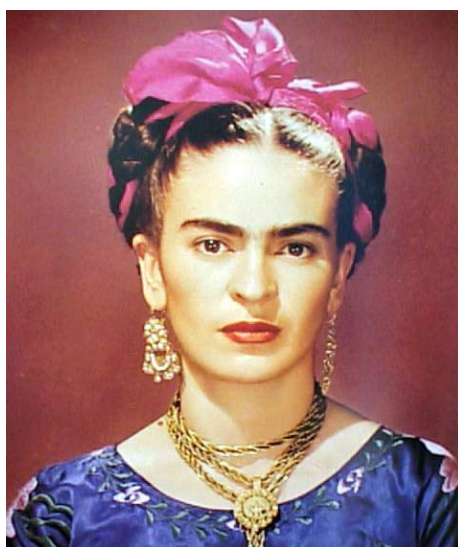
Figura 10



Frida Kahlo. Autorretrato com Macaco, 1940. Óleo sobre tela. Fobte: Kahlo Andrea Kettenmann.

Observa-se nas imagens anteriores (figuras 8, 9 e 10) como a pintora ressaltava suas características como a junção de suas sobrancelhas e pelos no buço, através da comparação de seus autorretratos com uma fotografia (figura, 11), seu cabelo e acessórios eram baseados na cultura mexicana da época mas usava de uma forma mais exagerada construindo seu próprio estilo, explorando bem os acessórios e penteados.

Figura 11



Fotografia da Artista Frida Kahlo. Fonte: <http://www.fridakahlo.org/imagens/frida-kahlo.jpg>

CAPÍTULO II – IDENTIDADE CULTURAL: VESTIMENTA E ADORNO

2.1 – ALGUMAS PONTUAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA VESTIMENTA E ADORNOS.

Como essa investigação pontua sobre retratos de mulheres, representados com algumas características “convencionais” que simbolizam suas culturas, achei pertinente fazer uma breve pontuação sobre a vestimenta e os adornos.

Afim de analisar as vestimentas e adornos como forma de expressão cultural e comunicação, é de suma importância que se comece com um levantamento histórico afim de compreender como estes objetos passaram de simples itens de proteção como eram usados em tempos antigos a complexos utensílios de expressão cultural e linguagem assim como são usados hoje.

O autor Carl Kohler em seu livro “História do Vestuário” acredita que levantar estudos de vestuários e adornos, buscando analisar os trabalhos de artistas de época é um pouco complexo. Ao analisar, por exemplo, obras de arte antigas, não se pode basear no trabalho por completo, já que vários artistas usavam tendências de épocas diferentes por gosto pessoal.

A humanidade constrói suas vestimentas e esta possui um profundo significado. Os egípcios do Antigo Império (c.3000 a.c.) são considerados os mais antigos a usar trajes para representação. Suas vestimentas distinguiam o monarca e os nobres das classes inferiores. A característica que mais marcou os trajes egípcios era o drapejamento que possuía uma forma específica a cada povo. Foi a época em que o chamado Antigo Império chegou ao apogeu de seu brilho e a beleza e suntuosidade dos tecidos e das roupagens eram as púnicas marcas que distinguiam (HOHLER, 1993).

O termo vestuário em geral, significa se cobrir com roupas, geralmente são peças feitas de pano afim de cobrir o corpo. As vestimentas são fundamentais para a sociedade, são para uso doméstico, eventos, festivais etc. As roupas surgiram há cerca de 80.000 anos de acordo com o antropólogo Ashley Montagu (1977), elas surgiram pela necessidade do homem de Neanderthal de se aquecer durante épocas frias.

Com a evolução da humanidade, a função de se vestir também se adaptou as novas necessidades do ser humano, as vestimentas agora, além de suprir sua necessidade primordial, cumpre com as necessidades de nomear/caracterizar seus usuários.

No final da Idade Média, surgiu o conceito de moda, as roupas dos nobres da corte eram reproduzidas pelos burgueses que foram se enriquecendo, assim a nobreza afim de se diferenciar dos demais começaram a produzir novos estilos. Além da distinção de vestimenta por classes e sexo iniciou uma moda que procurou ilustrar a individualidade (PALOMINO, 2002).

Em resumo a vestimenta protegia o homem, em seguida separava suas classes, posteriormente foi o marco que distinguiam suas regiões, representando uma nação, e atualmente revela personalidades. A moda na vida da mulher começou a servir como apoio social, as roupas e adornos diferenciavam e destacavam cada mulher, enfatizando sua individualidade.

Com a estilização da roupa que antes apenas servia para proteção do corpo, foi possível diferenciar uma pessoa da outra, a personificação da roupa trouxe uma nova forma de dar uma característica para quem usa, além do mais pode ser usada para a socialização e se tornou mais um meio de comunicação.

Na minha pesquisa saliento a vestimenta e adornos das mulheres como uma forma de expressão cultural e pessoal. Tal diversidade é resultado de um longo processo histórico e cultural que constrói símbolos e significados diferenciando de cada região, processo que se deu a partir do momento em que a vestimenta e adorno deixou de ser apenas um instrumento de proteção e que passou a se tornar um meio de comunicação e expressão.

2.2 – CULTURA E IDENTIDADE

A cultura no ponto de vista da semiótica possui a função de transmitir informações, sendo também um fenômeno comunicativo que se porta de acordo com as necessidades sociais. Conforme já assinalou o Filósofo e escritor Umberto Eco (apud Santaella, 1996).

“Na cultura, toda entidade pode tornar-se um fenômeno semiótico. As leis da comunicação são as leis da cultura. A cultura pode ser estudada completamente sob o perfil semiótico”.

Segundo a professora e socióloga Margaret Andersen, “a cultura é, na sua essência, um padrão de expectativas acerca do que são os comportamentos apropriados e as crenças para os membros da sociedade; assim, a cultura fornece prescrições de comportamento social. A cultura diz-nos o que devemos fazer, pensar, ser e o que devemos esperar dos outros” (ANDERSEN, 1997 apud Ribeiro).

Os comportamentos sociais são ligados à cultura de sua região que corresponde as suas crenças, dessa maneira, os padrões estéticos a serem seguidos serão determinados pela cultura, e o modo de vestir e de se portar terá variações em cada sociedade e contexto histórico.

A linguagem e comunicação são essenciais para o diálogo cultural, a vestimenta também pode ser considerada como um meio comunicativo que transmite um tipo de linguagem, por prestar informações como aspectos geográficos antropológicos; econômicos; históricos sociais e culturais; podendo conduzir até subsídios mentais, emocionais, em geral traços que definem uma personalidade individual. As cores, as matérias que compõe as roupas, modelos e alegorias, são elementos fundamentais para a linguagem da vestimenta.

A vestimenta por ser um meio comunicativo, também é usado para definir quem o usa, pois através dela pode se transmitir personalidades e características do indivíduo como; humor, gosto pessoal, contexto histórico; classe social. As roupas e adornos articulam sobre o indivíduo, podendo ser usada como ferramenta de análise e de diálogo, por meio da interpretação visual.

2.3 – VESTIMENTAS E ADORNOS: FUNÇÃO CULTURAL.

“É um erro supor que as roupas se usam por motivos de proteção. Nas sociedades pré-letradas elas são usadas sobretudo com finalidades decorativas. Nessas sociedades, antes que se fizesse sentir a influência do homem branco vestido, só se envergavam as roupas que se cuidavam desejáveis, e o que se cuidava desejável variava de uma sociedade para outra. Em algumas, reputava-se impudica a exposição de certas partes do corpo; em outras, a norma era a completa nudez, como entre os aborígenes australianos e muitos povos africanos” (MONTAGU, 1977, pg. 158).

Ashley Montagu (Antropólogo) defende as vestimentas como uso decorativo. Para exemplificar, usa a cultura indígena que usufrui da vestimenta como diferenciação de status social, na citação abaixo, um trecho onde Montagu cita os indígenas e uso de seus trajes:

“Entre os índios da planície norte-americana, por exemplo, somente os grandes guerreiros podiam usar o barrete de penas. Do mesmo modo, entre os incas o uso de trajes especiais, enfeitados de penas, era permitido somente à classe governante.” (MONTAGU, 1977).

A professora e Doutora Solange Silva (2001) ressalta a afirmação de Montagu sobre a função de representatividade da vestimenta e de símbolos e que está presente em todas as culturas, essa representação simbólica dá a vestimenta o significado de fenômeno cultural.

Roland Barthes (Sociólogo e filósofo) na concepção de Silva (2001), acredita que a vestimenta cumpri uma função sociocultural com necessidades psicossociais. A representação e significação se relaciona com o vestuário, a comunicação e a cultura.

No texto apresentado por Silva (2001) faz uma citação sobre Edbar Morin: afirma que a cultura seguiu a evolução do homem, e suas informações acumuladas devem ser mantidas. A história da cultura segue com a evolução humana e são aprendidas e passadas para os descendentes. Segundo Edbar Morin, a cultura seria um mecanismo que armazena e transmite as informações que não são hereditárias. A cultura se autoperpetua e se autoproduz cada vez que é passada de geração para geração.

Com esses elementos o vestuário representa tanto as características socioculturais como as características do indivíduo que o usufrui. O vestuário se torna signo por representar um período histórico, ou um estado mental. Por ser parte de uma comunicação social e pessoal e um informante tanto material como mental, carregando informações individuais e coletivas, o vestuário se torna um dos signos importantes para a humanidade. Em relação ao tempo Silva afirma:

“O tempo da cultura é o tempo absoluto do homem, é o tempo que permanece, é o tempo no qual o homem inscreve a sua existência no mundo. E os seus suportes, os suportes da temporalidade humana, são os signos e símbolos da cultura. É neste ponto que se inscreve a dimensão do vestuário enquanto símbolo da cultura, enquanto signo que presentifica o caráter simultaneamente linear e não linear do tempo sócio-cultural” (SILVA, 2001. Pg. 84).

A vestimenta e adorno por ser um meio comunicativo, também é usado para definir quem os usa, pois através dela pode transmitir personalidade e características do indivíduo como; humor, gosto pessoal, contexto histórico e classe social. As roupas e adornos articulam sobre o indivíduo, podendo ser usada como ferramenta de análise e de diálogo, por meio da interpretação visual.

Na minha pesquisa eu partilho da visão de que as vestimentas e adornos estão fortemente ligadas as questões culturais de cada indivíduo, fazendo parte de sua comunicação e linguagem, assim como as pinturas em que construo trazem mulheres de diferentes regiões, é possível observar uma grande diversidade de símbolos e estética que destacam a pluralidade cultural.

2.4 – ALGUMAS PONTUAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA VESTIMENTA E ADORNO.

Afim de analisar as vestimentas e adornos como forma de expressão cultural e comunicação é de suma importância que se comece com um breve levantamento histórico afim de compreender como estes objetos passaram de simples itens de proteção como eram usados em tempos antigos a complexos itens de expressão cultural e linguagem assim como são usados hoje.

O autor Carl kohler em seu livro “História do Vestuário”, acredita que levantar estudos de vestuários, buscando analisar os trabalhos de artistas de época é um pouco complexo. Ao analisar, por exemplo, obras de arte antigas, não se pode basear no trabalho por completo, já que vários artistas usavam tendências de épocas diferentes por gosto pessoal.

A humanidade constrói suas vestimentas e esta possui um profundo significado. Os egípcios do Antigo Império (c.3000 a.c.) são considerados os mais antigos a usar trajes para representação. Suas vestimentas distinguiam o monarca e os nobres das classes inferiores. A característica que mais marcou os trajes egípcios era o drapejamento que possuía uma forma específica a cada povo. Foi a época em que o chamado Antigo Império chegou ao apogeu de seu brilho e a beleza e suntuosidade dos tecidos e das roupagens eram as púnicas marcas que distinguiam (HOHLER, 1993).

O termo vestuário em geral, significa se cobrir com roupas, geralmente são peças feitas de pano afim de cobrir o corpo. As vestimentas são fundamentais para a sociedade, são para uso doméstico, eventos, festivais etc. As roupas surgiram há cerca de 80.000 anos de acordo com o antropólogo Ashley Montagu (1977), elas surgiram pela necessidade do homem de Neanderthal de se aquecer durante épocas frias.

Com a evolução da humanidade, a função de se vestir também se adaptou as novas necessidades do ser humano, as vestimentas agora, além de suprir sua necessidade primordial, cumpre com as necessidades de nomear/caracterizar seus usuários.

No final da Idade Média, surgiu o conceito de moda, as roupas dos nobres da corte eram reproduzidas pelos burgueses que foram se enriquecendo, assim a nobreza afim de se diferenciar dos demais começaram a produzir novos estilos. Além da distinção de vestimenta por classes e sexo iniciou uma moda que procurou ilustrar a individualidade (PALOMINO, 2002).

Em resumo a vestimenta protegia o homem, em seguida separava suas classes, posteriormente foi o marco que distinguiram suas regiões, representando uma nação, e atualmente revela personalidades. A moda na vida da mulher começou a servir como apoio social, as roupas e adornos diferenciavam e destacavam cada mulher, enfatizando sua individualidade.

Com a estilização da roupa que antes apenas servia para proteção do mundo afora, foi possível diferenciar uma pessoa da outra, a personificação da roupa trouxe uma nova forma de dar uma característica para quem a usufrui, além do mais pode ser usada para a socialização e se tornou mais um meio de comunicação, através dela pode-se induzir alguém ou intimidar.

Na minha pesquisa saliento a vestimenta e adorno das mulheres como forma de expressão cultural e pessoal. Tal diversidade é resultado de um longo processo histórico e cultural que constrói símbolos e significados diferenciando de cada região, processo que se deu a partir do momento em que a vestimenta e adorno deixou de ser apenas um instrumento de proteção e que passou a se tornar um meio de comunicação e expressão. Ressalto que meu trabalho não aborda a cultura da vestimenta como regra rígida a ser seguida por todos em que vivem nesse meio, mas como características de cada região que ficaram conhecidas mundialmente, por trazer em si a força e representatividade de sua cultura.

CAPÍTULO III – A SÉRIE “MULHERES E SUAS NUANÇAS”

3.1 – SOBRE AS ESCOLHAS DAS MULHERES E SUAS RESPECTIVAS ICONOGRAFIAS CULTURAIS.

Há diversas culturas que poderiam ser apresentadas neste trabalho, porém não seria possível trazer todas elas. Para conseguir abranger um número maior de representações seria necessário mais tempo de pesquisa e produção. Através de pesquisa de imagem, selecionei algumas regiões em que de primeira vista me chamou atenção, comecei meus estudos para dar início as seleções de características, vestimentas e adornos.

Apresento neste projeto oito retratos criados por mim, embasados nas mulheres de cada região já descritas neste trabalho. Para isso pesquisei características marcantes, peculiaridades e traços culturais específicos.

Nessas pinturas procurei reproduzir as distinções de cada personagem e sua cultura. As roupas foram criadas com base em estudos sobre as vestimentas regionais, e o uso das cores também foi aplicado de acordo com cada cultura. É importante dizer que as imagens produzidas não são uma regra e não pode representar uma região como um todo. O objetivo é apenas abordar a diversidade cultural e sua força como meio que cria identidades.

3.2 – ICONOGRAFIAS DAS MULHERES NO CONTEXTO GEOGRÁFICO: ASPECTOS CULTURAIS SIMBÓLICOS.

Nos subcapítulos a seguir, mostro breves informações das regiões e suas culturas, e também conto o processo de criação de cada mulher que consistiu em escolher imagens de mulheres e analisar suas roupas, características, alegorias para assim traçar um esboço para meus desenhos. Como é conhecido, a globalização trouxe uma transformação ao mundo, muitas culturas já se perderam, outras se transformaram, mas ainda existe regiões que deixam rastros culturais e são lembrados pela comunidade. Alguns povos antigos ainda lutam para preservar suas

identidades iniciais, havendo poucas alterações em suas culturas padrão, já outras aceitaram e abraçaram o que vinham de fora, ocorrendo a metamorfose cultural.

3.2.1 – Japão: o mistério de uma gueixa.

As gueixa chamam atenção pela aparência e mistério que as rodeiam. Em sua profissão ocorre um sacrifício pessoal, em que a mulher abre mão de sua própria personalidade, renunciando-se de sua família e do mundo a fora, tornando-se uma mulher da arte. Disciplinada e formada em diversas áreas como música, dança, história, literatura, poesia, protocolo, etiqueta e cultura geral, se torna acompanhante e entreterá em reuniões negócios e eventos.

A gueixa deve obter conhecimentos gerais afim de ser capaz de realizar diálogos “inteligentes” e “pertinentes”, ao interesse de seus clientes. Essa profissão surgiu em 1600, de início era exercida apenas por homens nomeados como Taiko-mochi (tamborzeiros), eles eram músicos, comediantes, cujo objetivo era animar as festas. Essa profissão começa a ser exercida por mulheres em 1751, quando uma mulher nomeada como geiko (termo usado em Kioto para se referir as gueixa) iniciou as práticas. Ao poucos mais mulheres surgiram no ramo e assim nomeadas como gueixa. A partir de 1800 a profissão se tornou exclusiva para mulheres.

Para conseguir a perfeição as mulheres necessitam de treino intensivos em dança, instrumento, arte em geral. Antes de se tornar uma verdadeira gueixa as mulheres passam por várias aprendizagens, iniciando-se como Maiko (mulher da dança), dos 16 aos 21 anos em média, onde aprenderá toda a base e princípios para se tornar uma artista, esse processo dura em torno de cinco anos. Após essa fase a mulher deve decidir se irá casar ou se tornar uma “mulher da arte”. Ao exercer esta profissão, as mulheres não poderão casar-se posteriormente, deixando sua família para viver em Okiya (casa das gueixas), vivendo junto com a Okasan (mãe) e as onesan (irmãs).

Sobre suas vestimentas e alegorias, deve-se revelar leveza e sensualidade, os quimonos geralmente possuem cores mais suaves ou tons mais fechados para tonalidades mais fortes, ricos em detalhes delicados como flores, folhas e demarcações finas. Suas vestimentas e comportamentos sempre serão voltados para revelar beleza e serenidade.

Os adornos também deverão expressar delicadeza, complementam os vestido e o penteado de acordo com a necessidade da aparência. Na maquiagem são usados o pó branco para cobrir todo o rosto, e usam cores como vermelho e preto para realçar traços dos lábios, sobrancelhas e olhos.

Na construção desta pintura procurei ressaltar a delicadeza da gueixa, buscando revesti-la com uma tonalidade leve e detalhes de pequenas flores, que são umas das estampas mais usadas por essas mulheres. As flores tornam a reaparecer como alegoria em seu penteado e como estampa de sua sombrinha.

No complemento do fundo escolhi o marrom escuro para representar as madeiras escuras das casas onde as gueixas viviam (Okiya). Sobre a palheta de cores: na vestimenta das gueixa tons pasteis, azul e rosa. Cores que ao se unirem constroem uma composição harmoniosa. A cor vermelha marcando a sombrinha e o cinto, contrastando com as tonalidades pastéis.

Figura 12



Sem título, 2017. Óleo sobre tela. Acervo da artista.

Nas imagens a seguir (figuras 13 e 14) apresento algumas imagens referência para a produção desta pintura. Foi analisado as tonalidades e figuras dos quimonos afim de elaborar uma imagem semelhante. A maquiagem e a sombrinha foram baseadas nas imagens tanto na coloração quanto no design.

Figura 13



Foto referência. Fonte:
<<https://freshideen.com/trends/geishas.html>>

Figura 14



Foto referência. Fonte:
<<https://br.pinterest.com/pin/90775748712373754/>>

3.2.2 – Índia: Mulheres e suas joias.

A Índia é reconhecida pela riqueza cultural e também por possuir técnicas milenares na área têxtil, essas técnicas foram descobertas e retrabalhadas pelos europeus. Os tecidos chamam atenção pela qualidade do algodão e por terem cores brilhantes e vibrantes, sua gama de tonalidade e padrões são uma de suas maiores riquezas.

As divisões por castas e suas variações de origens, reflete na forma de se vestirem e em como seus tecidos são produzidos, muitos dos tecidos são usados para a diferenciação de castas, o nível social de um indivíduo é diferenciado pelos tecidos e qualidade de produção.

Suas vestimentas são divididas por castas, cada casta possui um padrão de tecido e adornos. As vestimentas também variam de acordo com os estilos e cores da região e depende também de fatores como o clima. Sari é uma das vestimentas mais usadas pelas indianas. O sari, que é uma peça de pano comprido que possibilita ser usada de diversas formas, é uma vestimenta usada para ser amarrada ou prendida. A forma de se vestir varia de acordo com o local dentro da Índia como também do estatuto da mulher que o usufrui, revelando sua classe social e estilo de vida.

Os indianos mesmo com o passar do tempo em conjunto com a globalização, conseguiram preservar suas tradições, os novos costumes e cultura são aceitos de forma que não se perca a sua originalidade e história, a Índia hoje também estende suas influências culturais para outras partes da Ásia.

Para representar esta pintura escolhi revesti-la com o vermelho junto ao dourado, que são cores muito usadas no país e reconhecidas mundialmente. Ao fundo foi escolhido representar um ambiente interno. Nas casas tradicionais da Índia são compostas de madeiras de diversas tonalidades, desde mais rústicas até mais refinadas.

A indiana possui uma riqueza de detalhes, suas roupas são trabalhadas em cores vivas e fortes, o uso de joias está presente em seu cotidiano, e utilizam pinturas faciais. Na Índia observa-se a preferência do uso de cores quentes³ e vibrantes.

³ Cores consideradas frias ou quentes a partir do senso comum, para cores quentes as cores que remetem o fogo, o dia, o sol, sensações térmicas em geral e para cores frias aquelas que lembram elementos como, o mar, o inverno, ventos, entre outros.

Figura 15

*Sem título, 2017. Óleo sobre tela. Acervo da artista.*

Palheta de cores: vermelho, umas das cores mais usadas e reconhecidas ao retratar a Índia, em geral cores quentes e fortes. O dourado que dialoga com a cor vermelha e os tons madeiras usados para compor o fundo.

Imagens referência para a criação das vestimenta e construção dos adornos (figuras 16 e 17).

Figura 16



Foto referência. Fonte:
<<http://www.fnnews.com/news/201603160856274568>>

A imagem acima (figura, 16) foi usada para a construção do piercing da personagem, porém pode-se observar detalhes de alegoria e da vestimenta da indiana.

Figura 17



Foto referência. Fonte: <<http://post.jagran.com/search/begusarai>>

3.2.3 – Tailândia: “Mulheres girafas”.

A comunidade Karem-padaung é constituída por uma cultura muito antiga, cuja tradição transcende muitos séculos, possui diversas particularidades que são trabalhadas na sociedade para não serem esquecidas.

Nesta região as orelhas são bastantes valorizadas pela civilização, consideradas como uma das partes mais sagradas do corpo. São conhecidas como Karen-padaungs ou “orelhas longas”. A orelha com adornos na mulher representa beleza, no homem, a força, atualmente essa tradição é mantida apenas na mulheres casadas.

As “mulheres-girafa” (Karen baan thaton) vem de um costume da tribo em que as mulheres possuem anéis de latão em seu pescoço, passando a ilusão de serem muito mais compridos do que realmente são. Suas vestimentas são bastante coloridas, em especial o manto que usam em suas cabeças. Os anéis que são usados em seus pescoço tem um peso considerável.

Outro adorno frequentemente usado por essas mulheres são os diversos brincos de marfim em suas orelhas. O uso dos anéis se inicia nas crianças com média de 5, 6 anos, e a cada ano mais anéis são adicionados. O número ideal em sua cultura é que uma mulher adulta chegue a usar 37 anéis de bronze.

Uma de suas crenças é que esses anéis a protegeria dos diversos ataques de tigres que aconteciam naquela região, e se alguma mulher retirasse esse adorno saindo de sua tribo ela não seria mais aceita na comunidade por trazer os maus espíritos de fora. Além de serem usados no pescoços também podem ser colocados do pulso aos cotovelos e no tornozelo até os joelhos.

A aparência do pescoço alongado é causada pelo peso dos anéis que abaixam os ossos do colarinho e das costelas superiores, fazendo com que os ossos do colarinho pareçam fazer parte do pescoço.

Os pescoços alongados são um grande sinal de beleza e riqueza para essa tribo, e com esse alongamento no pescoço as mulheres conseguem um marido melhor.

A remoção dos anéis ocorre quando adultério, sendo muito raro esses casos na tribo. Os músculos por estarem muito fracos após passar anos sustentados pelos anéis não consegue aguentar a cabeça, a mulher então passaram o resto da vida deita, incapaz de ficar em pé.

Por ser mais chamativo, os aros de latão no pescoço acaba sobressaído a outros costumes da cultura Karen, como exemplo os brincos que possuem uma importância dominante na ornamentação.

Para a plástica do trabalho escolhi aplicar cores mais vivas e leves para o tecido em sua cabeça, já para a vestimenta do corpo a revesti com roupas básicas na parte de cima tomando em base em fotos desta região, o tradicional branco. Para o fundo foi escolhido revelar os panos que ficam pendurados em suas casas ou cabanas. Na imagem abaixo (figura, 18) mostra cabanas de comércio das pequenas civilizações localizadas na Tailândia.

Figura 18



Foto referência. Fonte: < <https://casa.abril.com.br/bem-estar/viagem-tailandia-e-as-mulheres-girafa/> >

Figura 19

Foto referência. Fonte: <
<http://dosisfotografica.blogspot.com.br/2013/09/las-mas-bellas-fotografias-de-steve.html>>

Nessa imagem (figura, 19) exemplifico uma tradicional vestimenta de uma Tailandesa, que serviu como base para a pintura. Pode-se perceber a leveza do tecido da camiseta da mulher, simples, branca e com leve detalhe nas mangas.

Figura 20

Foto referência. Fonte: <
<https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=1607>>

Apresento essa imagem (figura, 20) para amostra de como os tecidos ficam pendurados em suas moradias, dá para mostrar também as cores dos panos que são usados para a decoração de suas cabeças.

Figura 21



Sem título, 2017. Óleo sobre tela. Acervo da artista.

Esta pintura (figura, 21) é o resultado obtido das referências de imagens usadas, tanto a mulher com suas alegorias e adornos quanto o fundo foram baseadas em imagens da comunidade Karem-padaung.

3.3.4 – Angola: A doce liberdade.

Na angola há mais de 90 grupos étnicos, apresentando uma diversidade na língua bantú, os maiores grupos do país são o Ovimbundu, localizados no centro e no sul (com a língua Umbundu), o Bakongo no norte-oeste (variantes falantes de Kikongo), o Mbundu no norte (com a língua Kimbundu) e os povos Chokwe, Lunda e Nganguela no leste. O português é a língua oficial, as crianças aprendem desde pequenas, sem perderem a língua materna local.

Depois de séculos sob o domínio português, a Angola passou por transformações, se mesclando com outras culturas. Música, dança, gastronomia entre diversas outras atividades começaram a ter algumas alterações com o passar do tempo. A literatura angolana surgiu no século XX, revelando a riqueza cultural do país, mostrando ao mundo um pouco sobre sua região.

A riqueza da Angola está em diversas áreas, e é um dos países que mais tece como influencia na formação da cultura do Brasil. Hoje desfrutamos de músicas, vestimentas, danças, gastronomia que vieram da Angola.

O turbante está dentro da moda da atualidade, é visto pela maioria como um adorno que demonstra charme, estilo e beleza, porém estes adjetivos foram agregados aos olhos da sociedade apenas por “estar” na moda. Muitos do que usam esse adorno não sabem da força cultural que este carrega.

Atualmente o turbante se tornou um símbolo da resistência ao aculturamento e afirmação de identidade cultural, lutando contra preconceito racial e discriminação. Este adorno vai muito além de uma moda e estilo, ele carrega história de seus ancestrais, valores e histórias estão representados nesse adorno.

A cultura angolana é hoje uma das que sofreram adaptações após a globalização, como também serviu de influência para outras regiões em seus períodos coloniais como o Brasil e os Estados Unidos, e nos tempos atuais se adentrando em inspirações para moda, e integrando em movimentos de aceitação cultural e étnica como o Black Power (será visto no tópico 3.3.6).

Figura 22



Foto referência. Fonte:
<<https://br.pinterest.com/pin/470063279836557683/>>

Esta imagem (figura,22) é uma das referências usadas para a elaboração do turbante na pintura que representa a mulher angolana (figura 24), também foi usada de base para a construção facial desta pintura.

Figura 23



Foto referência. Fonte: <<http://www.1zoom.me/pt/wallpaper/425498/z1222.6/>>

A foto referência (figura, 23), foi usada na elaboração do fundo da pintura, é uma imagem que mostra uma das vegetações da Angola.

Figura 24



Sem título, 2017. Óleo sobre tela. Acervo da Artista.

Essa pintura (figura, 24) retrata uma angolana em uma paisagem noturna, de cabeça erguida. A ideia que pretendo transpor nessa pintura é a serenidade da angolana, essa leveza na pintura tem o objetivo de mostrar a paz que vem sendo conquistada depois de tanta exploração e tortura com a escravidão. Na escolha das cores do vestido e do turbante combinando foi baseado em vestimentas das angolanas em que os conjuntos se combinam. A escolha da cor laranja além de ser uma das cores frequentemente usadas pelos angolanos, foi escolhida para complementar a cor azulada da paisagem e se contrastar com a cor da pele.

3.3.5 – Floresta Amazônica: Tribo Tikuna.

Na floresta amazônica existem diversas tribos com culturas distintas, cada uma seguindo suas crenças e rituais, como tem seus próprios estilos de pintura, dança, canto e forma de se vestir. Por mais que aparentemente os estilos são “parecidos” aos olhos de quem os observa por fora, cada tribo possui sua singularidade. Uma das características da tribo Tikuna é que cada membro sabe sua função social e a cumpre sem precisar ser ordenado. Os integrantes fazem suas obrigações e assim a tribo segue seu ritmo de costume.

A tribo Tikuna é uma das poucas que ainda permanecem no mundo, com a globalização e metamorfose das culturas as tribos vem se reduzindo, muitas delas acabam sendo extintas. Essa é uma das maiores tribos da Amazônia, ocupa cerca de 70 aldeias com média de 20.000 habitantes

A cultura vem sendo desgastada pelo preconceito da sociedade pelas suas tradições. Os Tikuna procuram preservar sua cultura entretanto percebem a dificuldade de mantê-la dentro da cidade, o preconceito sobre os indígenas e sua cultura ainda é alarmante. Os mais velhos procuram manter a tradição para que os povoados mais jovens não percam o contato de suas origens.

Algumas tribos Tikuna abriram mão de viver na floresta para viver na civilização, mas encontram dificuldades na adaptação do novo estilo de vida pelo preconceito dos moradores da cidade que desvalorizam sua cultura e os desprezam de seu meio.

Nesta imagem (figura, 25) mostra uma foto tirada por uma mulher Tikuna, foi usada para de influência para a criação da indígena na pintura da figura 26.

Figura 25



Foto referência. Fonte:
<<https://www.facebook.com/IndiaTikunaWeeenaMiguel/photos/a.922478031137402.1073741840.448210385230838/1693694397349091/?type=3&theater>>

Figura 26



Sem título, 2017. Óleo sobre tela. Acervo da artista.

Para representar a indígena presente (figura, 26) optei em mostrar os cabelos cortados que mostram uma parte da cultura de quando a mulher chega em sua puberdade e tem seus cabelos cortados como forma de simbolizar a nova vida.

Na construção do fundo da pintura, os olhos representam uma ambiguidade, pois os animais representados são presas naturais que vivem na floresta que fazem referência aos próprios homens que condenam e tentam destruir o outro pelo simples fato de serem diferentes.

3.3.6 – Estados Unidos da América: Liberdade de expressão.

Os Estados Unidos é um dos países denominados multiculturais, é formado por diversos descendentes de imigrações de todo o mundo, sendo hoje um dos países que criam tendências mundial. A cultura que prevalece no país é a ocidental, trazida pelos imigrantes da Europa, e também da África, pelos escravos.

Assim como no Brasil, os Estados Unidos teve uma colonização escravista. Após a abolição da escravidão, os negros ainda eram considerados como indigentes, sem nenhum plano de integração social e econômica, sendo considerados inferiores aos homens brancos. Até que uma lei de direitos civis, que proibia a discriminação contra os negros surgiu após um ato pacífico liderado por Luther King.

Entretanto uma lei não é capaz de mudar as mentes dos homens que foi construída ao longo dos séculos, havendo diversos movimentos racistas que violentavam e matavam negros. Com o objetivo de proteger a população negra criaram o “Black Panther Party for Self-Defense” conhecidos como Panteras Negras, que saíam as ruas patrulhando, em segurança aos negros.

A união e a força negra também foi desenvolvendo em outros requisitos, como na apropriação cultural, a forma de se vestir, a aceitação do cabelo negro, as músicas e entre outras diversas influencias dos povos negros.

Figura 27



Foto referência. Fonte: <<https://www.nytimes.com/slideshow/2015/09/02/movies/the-black-panthers-in-pictures/s/02BLACKPANJP1.html>>

A fotografia acima mostra mulheres negras protestando em um dos movimentos negro ocorrido nos Estados Unidos. Essas mulheres faziam parte dos Black Panthers em um protesto de 1969 em Oakland, Califórnia. (figura, 27)

Figura 28



Sem título, 2017. Óleo sobre tela. Acervo da artista.

Nesta pintura (figura, 28) ressalto o movimento Black Power, com a aceitação cultural e étnica dos Estados Unidos, a conquista dos negros que veio de uma longa batalha contra o racismo e o preconceito. Essa batalha se permanece até hoje, porém já houveram grandes conquistas.

A corrente do plano de fundo é um filtro de aplicativo de mídia social criado por mim (este filtro não existe de fato nos aplicativos) para representar a quebra do preconceito, da discriminação contra negros e mulheres e a liberdade dessas pessoas para conviverem de uma forma igualitária e justa. Abordo também o “self”, a nova forma de se autorretratar na sociedade, onde pessoas compartilham suas vidas na internet com o mundo inteiro.

3.3.7 – Escócia: O clã e o tartan.

O Kilt é uma das peças escocesa mais reconhecida mundialmente, originalmente era usado apenas por homens, mas atualmente esta regra já não é tão específica. É uma saia feita de tartan que é um tecido original da Escócia. As cores do tartan representam o clã em que o indivíduo que o usufrui pertence. As tradições são passadas de geração a geração se adaptando com as necessidades da sociedade.

Outro utensílio muito reconhecido neste país é a gaita de foles, muitas vezes é usada para fazer alguma referência ao país. A Escócia recebe influência da cultura inglesa e europeia, contendo diversos costumes e símbolos muito semelhantes.

As vestes femininas não são tão famosas como o kilt dos homens, elas na maioria das ocasiões usam saias no comprimento do tornozelo com o mesmo tecido tartan, junto com a saia é usado uma faixa ou xale do mesmo material que a saia ou uma camiseta mais simples.

Os sapatos tradicionais que as mulheres costumam a usar são chamado de ghillies, parecidos com os que os homens usam, porém as solas são mais finas, permitindo maior agilidade na hora da dança. Com a transformação cultural essas vestimentas apenas são usadas nos eventos sociais, no dia a dia muitos já estão aptos a usar vestimentas parecidas com que usamos em dias mais frios.

Figura 29



Foto referência. Fonte; <<https://www.roughguides.com/gallery/traditional-dress/>>

Nesta fotografia (figura, 29) homens e mulheres usam o famoso Kilt para eventos tradicionais do país, hoje não se usa mais essa vestimenta para o dia a dia, apenas para acontecimentos especiais em sua cultura, como os jogos tradicionais e os festivais.

Figura 30



Foto referência. Fonte:<<http://www.tempodeviajar.com/informacao-pratica-sobre-a-escocia/>>

Para a construção do fundo da pintura, teve como base os castelos da Escócia (figura, 30) construídos em épocas diferentes, carregando parte da história do país, hoje se torna um dos centros turísticos.

Figura 31

*Sem título, 2017. Óleo sobre tela. Acervo da artista.*

Na imagem acima (figura, 31) mostra o resultado obtido das referências citadas acima, como o castelo e o Tartan, para a construção desta pintura teve como base as vestimentas tradicionais que hoje são usadas em eventos especiais do país.

3.3.8 – Afeganistão: A cadeia de tecido.

O Afeganistão possui uma cultura muito tradicional e conservadora, com a queda dos Talibãs, muitas das regras de restrições impostas por eles foram retiradas, melhorando a situação da população, até certo ponto, as mulheres continuaram sendo menosprezadas e maltratadas. As mulheres não possuem direito algum, neste país não há uma lei que as protejam.

As mulheres não podem ser expostas ao mundo, quando saem para a civilização devem estar vestidas com uma burca⁴, o atual regime permite que elas andem com a cabeça descoberta, porém elas temem que isso seja proibido novamente. Com o corpo todo tampado, elas investem na maquiagem, usam maquiagem mais fortes e expressivas.

A menina é prometida em casamento quando criança por um dote, na maioria das vezes as garotas se casam com homens bem mais velhos. O casamento deveria ser arranjado quando a mulher menstruasse pela primeira vez, mas por garantia de que ela “fique falada” ela em muitos casos se casam ainda muito nova antes mesmo de menstruar. Ao casar a menina passa a morar com o marido, junto com os sogros e suas famílias, até mesmo dentro de casa há um espaço para as mulheres que as separam dos homens.

Muitas garotas que não suportam os maus tratos fogem de suas casas, porém logo em seguida são denunciadas pelas próprias mães por “quebrar os votos do matrimônio”, as mães temem que o dote tenha que ser devolvido. O divórcio nesta cultura é um dos grandes constrangimentos para uma mulher, mas há algumas mulheres que preferem viver a essa humilhação do que sofrer em “seu lar”.

Por mais que seja proibido os homens tocar em mulheres, muitos apalpam as poucas mulheres que andam pelas ruas, elas sem poder dizer nada apenas mantêm seus rostos escondidos. Os maridos em suas casas podem fazer o que bem entenderem com suas mulheres, ele podem ter até quatro esposas.

Figura 32



Foto referência. Fonte: <<http://www.jaisiyaram.com/blog/religion/16213-do-women-ask-for-getting-raped-by-not-wearing-a-burka-5-feb-14.html>>

⁴ Burca, vestimenta feminina das mulheres afegãs, similar ao *xador*, que cobre todo o corpo, inclusive os cabelos, e apresenta uma estreita tela, à altura dos olhos, através da qual se pode ver.

Esta fotografia (figura, 32) foi uma das imagens mais relevantes para a construção da pintura que retrata a mulher afegã. A fotografia com diversas mulheres cobertas, irreconhecíveis, serviu como inspiração para criar um conjunto de “fantasmas” para compor o fundo na pintura.

Figura 33



Sem título, 2017. Óleo sobre tela. Acervo da artista.

A pintura acima (figura, 33) mostra uma mulher Islã, segurando o tecido de sua burca, deixando a ideia de que ela poderia estar destampando seu rosto, ou se reprimindo, a interpretação de sua ação está livre ao espectador. Ao fundo estão outras mulheres em tonalidades mais claras e sem rosto. A composição é praticamente monogâmica exceto pelo rosto da personagem, a ideia é transmitir a vida das mulheres que dia a dia lutam para se manterem vivas em um mundo onde elas sempre serão o erro.

3.3.9 – O espelho: um retrato efêmero.

No centro da composição, dividindo igualmente o conjunto seriado haverá um espelho da mesma proporção que as devidas pinturas: 50cm X 40cm, elas foram programadas para serem expostas horizontalmente alinhadas uma ao lado da outra.

O espelho pode assumir diversos significados simbólicos, porém a maioria estão associados a verdade, sinceridade e pureza. De acordo com alguns dicionários de símbolos, os espelhos estão relacionados a instrumento de autocontemplação e reflexão, podendo representar a consciência humana, simbolizando o pensamento em si mesmo. O espelho pode ser considerado o próprio símbolo do simbolismo, sua propriedade de refletir mostra algo indiretamente, isso o torna tão importante e atrela seu simbolismo ao que é refletido. Por ser aquele que paradoxalmente reflete a realidade é encarado como ambiguidade, ao mesmo tempo, mostra algo apenas virtual, reflete apenas a imagem do momento de uma forma efêmera, mais considera-se que pode absorve-las e conte-las representando uma permanência, continuidade.

O objetivo deste espelho será introduzir o observador à obra, que por um breve momento será parte da composição. A cada expectador o trabalho revela um corpo, ganhando mais um elemento representante de uma cultura: Brasil.

Um país com grande diversidade cultural, dos colonizadores, escravos e fugitivos, construiu uma nação que hoje se mescla e nos dá essas características que se tornaram conhecidas. Brasil um país de todos. Nos cotidianos, na forma de se vestir e de se dialogar, quanto na culinária e entretenimento, carrega-se uma parte de cada um dos descendentes.

Com essa diversidade cultural introduzida no país, a cada momento o espelho representará um personagem completamente diferente do outro.

CONCLUSÃO

Ao finalizar esta pesquisa percebi o quão complexa é a construção de uma cultura, seus símbolos e comunicação, e como regiões distantes uma das outras recebem influências diretas ou indiretas e estas ficam em constante transformação e adaptação. Através deste breve levantamento teórico sobre cultura, vestimenta e adorno, percebi o quão profundo é este universo de diálogo, comunicação e linguagem, como a história de cada região resulta nos dias de hoje, e como as comunidades se portam diante ao contexto que se desdobra a séculos.

O mundo antes da globalização possuía seus padrões de vida mais uniformes, porém, após a revolução global, os países vem sofrendo por diversas transformações e as culturas vão se mesclando umas às outras. Alguns governos e até mesmo membros da sociedade visam preservar a cultura original, incentivando e reforçando-a, para que a população não perca seus costumes tradicionais, e que mantendo-os vivos tanto na história quanto em seus dia a dia.

Ao recorte retrato e a ideia de representar algum ser, faço ligações aos meus trabalhos precedentes com o atual, afim de juntar as experiências, para daqui em diante ter um novo olhar sobre essa temática. Também pretendo trabalhar outros formatos e outros materiais.

Quanto a parte da produção, realizei minha primeira experimentação com a tinta a óleo sobre tela, e observei as peculiaridades do material e suas extensões. Nesta experimentação iniciei um reconhecimento do material e suas capacidades com extensão do pincel, analisando as pinceladas na tela e como a tinta se reorganizava. Fui me identificando com as mesclas das cores e suas diluições, aprendendo a desenvolver a volumetria na tela, como também texturas e profundidade. Possivelmente realizarei mais trabalhos para me desenvolver neste meio, abrindo mais meu campo de possibilidades, podendo trabalhar com outras extensões além das pinturas tradicionais, como aquarela, pintura matérica e pintura objeto.

Sobre a introdução do espelho, é a primeira vez que integro a pintura a um outro elemento que introduza o espectador na composição. Junto com a professora orientadora Ana Duarte, conseguimos através do espelho agregar um novo sentido para a produção, como também tornar o expectador um membro ativo do trabalho seriado, que agora traz consigo uma reflexão individual. Suas vivências e forma de se

vestir e representar estarão em um breve momento complementando o seriado, dando a ele um novo sentido.

Acredito que esta pesquisa no decorrer poderá ser mais aprofundada e ampliada trazendo ao conjunto novas mulheres, possibilitando se desdobrar na cultura e estilo de vida de cada região, podendo abordar a mulher em si, ou a cultura, vestimentas e alegorias em aspectos gerais, retratando em outros recortes e técnicas.

Este trabalho foi o início de experimentações e pesquisas, tanto na parte de produção quanto nas teorias, investigações e linguagem, de uma forma em que produção e pesquisa andem juntos.

REFERENCIAS

HERRERA, Hayden. **Frida: A biografia**. Globo Editora, 2011. 624 p.

HOHLER, Carl. **A história do Vestuário**. [s.i]: Martins Fontes, 1993. 564 p.

KETTENMANN, Andrea. **Kahlo**. México: Taschen, 2001.

PALOMINO, Erika. **A Moda**. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

ENDEREÇO ELETRÔNICO

Angola online. **Coroa africana nas mãos de Albertina Costa**. Disponível em: <<http://angola-online.net/entretenimento/coroe-africana-nas-maos-de-albertina-costa>>. Acesso em: 02. Dez. 2017.

ARAUJO, Virginia Gil. **O Auto-retrato fotográfico: Um estudo Sobre a Construção Fisionômica como Arbitrariedade em Artur Barrio**. São Paulo. 2003. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/atas/atas-IEHA-v3-217-224-virginia_gil_araujo.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. São Paulo: Unesp, 2003. 204 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=CWqPYqs2KigC&dq=cultura+estetica&lr=&hl=pt-BR&source=gb_s_navlinks_s>. Acesso em: 19 jun. 2017.

FREITAS, João Paulo de. **Artistas Visuais nos retratos Fotográficos: Da Tradição aos Retratos de Artistas no Jornal Correio**. 2013. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12331/1/RetratoArtistasEstereotipos_parte1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

G1. Globo. **Índios Tikuna realizam ritual em parque da Zona Centro-Sul de Manaus**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/04/indios-tikuna-realizam-ritual-em-parque-da-zona-centro-sul-de-manaus.html>> Acesso em: 28. Nov. 2017.

Historiando. **Black Power nos Estados Unidos: O movimento por direitos civis**. Disponível em: <<https://historiandonanet07.wordpress.com/2016/03/03/black-power-nos-estados-unidos-o-movimento-por-direitos-civis/>> Acesso em: 02. Dez. 2017.

MAIA, Denise. **Auto-retrato: A pintura como expressão da alma**. Artigo extraído da internet. Disponível em: <<http://www.denisemaia.com.br/arqs/outros/AutorretratoAPintura2.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

MONTEIRO, Ana. **A Pose na Pintura de Retrato**. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Porto, 2014. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/82613/2/116533.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

PESSOA, Helena G. R.. **Auto-retrato: O espelho, as coisas**. 2006. 51 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Plásticas, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-03062009-120522/.../4121124.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

RETRATO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo364/retrato>>. Acesso em: 14 de Jul. 2017.

Revista Brasileira de Neurologia. Vários autores. **Frida Kahlo: A arte como desafio à deficiência e à dor, com enfoque na poliomielite anterior aguda**. 2008, volume 44. 3.ed. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/0101-8469/2008/v44n3/a5-12.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

Revista Pandora Brasil. **Índia - O país das diferenças**. Disponível em:<http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/educacao_comparada/india.pdf> Acesso em: 02. Dez. 2017.

Revista Planeta. **Na Amazônia dos Tikunas**. Disponível em:<<https://www.revistaplaneta.com.br/na-amazonia-dos-ticunas/>> Acesso em: 28. Nov. 2017.

Revista Planeta. **No reino das mulheres-girafa**. Disponível em:<<https://www.revistaplaneta.com.br/no-reino-das-mulheres-girafa/>> Acesso em: 26. Nov. 2017.

SILVA, G.J. Design 3D em tecelagem jacquard como ferramenta para a concepção de novos produtos: aplicação em acessórios de moda. Tese de dissertação de Mestrado em Design e Marketing, Universidade do Minho, 2005. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3152>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

SILVA, Solange. Líbero **Vestuário: Comunicação e Cultura**. [s.i] 2001. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/3891/3650>>. Acesso em: 15 jun. 2017

SOUZA, Ana Maria Alves de. **Frida Kahlo: Imagens (Auto)Biográficas**. 2011. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/20_10_2014_19.57.41.6f73d4c598f1cfc4177cf78081402296.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barrweto. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre, Salvador: Edipucrs (livros Digitais) e Eduneb, 2006. 626 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Ax_qftC2SVcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 17 jun. 2017.

VIANNA, Lucia Helena. **Tinta e Sangue: O diário de Frida Kahlo e os 'quadros' de Clarice Lispector**. 2003. 87 f. Revista Estudos Feministas, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24327268?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 20 jun. 2017.

VILHENA, Iara Inchausti Ribeiro. **UM ESTUDO SOBRE O RETRATO E AS QUESTÕES QUE ENVOLVEM SUA IMAGEM**. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Belas Artes Ufmg, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JSSS-94ELZJ/disserta__o_iara_ribeiro__um_estudo_sobre_o_retrato_e_as_quest_es_que__envolvem_sua_imagem.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Vírus da arte **Afeganistão – As mulheres na Cultura Afegã**. Disponível em:<<http://virusdaarte.net/afeganistao-as-mulheres-na-cultura-afega/>>Acesso em: 02 dez. 2017.